



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.º—PORTO

Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—*Maclel Barbosa*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez \$05 (50 reis)
Semestre \$30 (300 reis)
Um ano \$60 (600 reis)

Para fora do país acresce o Importe do selo.

Número avulso \$01 (10 reis)

A guerra e a revolução

O primeiro dever do revolucionário consiste em destruir todas as leis existentes. P. KRAPOTKINE.

Há épocas na história dos povos, em que a revolução surge à porta dos explorados, apodera-se dos espíritos, torna-se inevitável. A época actual é uma dessas épocas; sendo a guerra um dos principais factores que hão-de precipitar os acontecimentos, que hão-de ocasionar o grande cataclismo, que hão-de fazer surgir a Revolução Social—com todas as suas consequências.

Na ordem moral como na ordem material, ninguém está conformado com a estrutura da sociedade que nos esmaga com os seus dogmas e os seus convencionalismos económicos, políticos, jurídicos e até morais; que nos tritura o corpo e a alma; que legisla segundo o nosso passado, que nos impõe um presente odioso, e que pretende fazer do amanhã uma realidade caricatura do ontem. Mas esta pretensão dos defensores do velho regime, é inútil:—a sociedade contemporânea já não pode sustentar-se:—está condenada à morte em virtude das leis histórico-sociológicas, que são as verdadeiras leis criadoras das sociedades. Se assim não fosse, ainda estaríamos em pleno canibalismo, ainda a humanidade seria uma humanidade de trogloditas vivendo em cavernas, e o homem um ser bárbaro que não apresentaria mais do que os instintos da besta interior. Graças, porém, às revoluções efectuadas através da história, houve uma evolução no sentido da perfeição da espécie, que levou o homem a descortinar horizontes mais amplos e mais vastos.

Por isso, apesar de todos os esforços empregados pelos economistas, pelos políticos e pelos filósofos burgueses, a sociedade actual não pôde continuar como até aqui visto que a sua estrutura é arcaica, a sua moral é velha e péssima, porque estiola e anula o corpo e o espírito dos agregados sociais, que são a base da sua força e da sua vida.

A guerra europeia prova, exuberantemente, a bancarrota de todo o regime. A sua origem e a sua razão fundamental são idênticas à origem e à razão fundamental de todas as guerras: encontram-se nas rivalidades comerciais, na necessidade de conquistar novos mercados, no direito de explorar as nações pequenas,—atrazadas industrial e comercialmente,—em suma, na posse de grandes territórios para melhor imposição aos chamados países inimigos.

Os anarquistas há mais de vinte anos que haviam previsto esta bancarrota. Já então observavam como as nações industriais chegariam a encontrar-se na trágica situação de nossos dias: o capitalismo absorvente apenas se preocupava em produzir, produzir sempre, pois suponha que já mais lhe faltariam os mercados para vender os seus produtos. Porém, à medida que as nações pequenas foram adquirindo hegemonia no mundo industrial, deixaram de ser nações importadoras para se transformarem em nações exportadoras; de nações-mercados tornaram-se nações-concorrentes; e desde esse momento, entre os diversos países, nunca mais houve paz possível; pois a generalidade dos mercados foi desaparecendo à medida que as nações industriais aumentavam e tomavam carta de alforria. Logo que se notou esse facto, nós assinalamos o caos industrial que actualmente presenciámos.

Coisa análogo se passou no

mundo político e jurídico. As instituições desacreditando-se de dia para dia perdiam toda a sua *virtuosidade*. E de outro modo não podia suceder. Uma sociedade que vive de dogmas e convencionalismos é uma sociedade morta ao nascer. Assim, a bancarrota é económica e política, moral e jurídica:—nenhuma das instituições que servem de base à sociedade, possui, hoje, a força e o carácter indispensáveis para ela poder continuar no seu desenvolvimento evolutivo. E, que as sociedades, como os indivíduos, estão sujeitas a leis físicas; e quando aparece a decrepitude, a velhice aquelas teem de desaparecer para deixar o passo livre às sociedades e aos indivíduos que entram na vida.

A sociedade actual está, portanto, em plena bancarrota. Economicamente, com a sua propriedade individual, está exausta; e hoje, se aparentemente vive, a sua vida não é uma vida própria: quando muito é um impulso da sua vida de ontem. Politicamente dá-se o mesmo fenómeno. O Estado, seu órgão de expressão, deu tudo quanto podia dar, e por isso é necessário mudar a base da organização capitalista.

O que sucede com o Estado, sucede com o poder legislativo e com o poder judicial:—ambos estão, também, em bancarrota pela simples razão de que o povo já não faz caso da Lei, visto que esta não corresponde aos seus costumes, nem à sua moral, nem à sua idiosincrasia, negando-lhe, além disso a vida material e intelectual. E na aplicação dela, para defender a sociedade dos chamados delitos anti-sociais, a mesma coisa observamos. Para o juiz existe o livre-arbítrio e por consequência a responsabilidade, devendo ser aplicados os artigos do código segundo os danos causados à sociedade:—a tal crime, tal pena.

Não importa que Becaria e Romagnosi, Tardé e Góri, Molinari, Mourisson e tantos outros cultores da Ciência Criminológica, estudando a natureza do crime afirmassem que éle tem a sua origem nas perturbações da organização da sociedade, pois estas perturbações produzem enfermidades físicas e morais, umas filhas das correntes económicas que originam as deformações físicas; outras, filhas da degradação dos costumes, da vida, e da alienação mental.

Com os procedimentos que usa a justiça, não só não defende a sociedade dos ataques da delinquência, mas trabalha para aumentar o crime; e a condenação não produz mais que o efeito contrário.

Enquanto não se proclamar a irresponsabilidade jurídica dos delinquentes, a sociedade viverá num eterno abismo, no qual se precipitará continuamente.

Como vimos, a sociedade capitalista está em verdadeira bancarrota. Se tem vivido e ainda vive, é em virtude da debilidade dos revolucionários sociais. E até nesta ocasião, dada a guerra europeia, parece que nada sabem aproveitar para levar à prática as nossas ideias de redenção social e humana.

Ainda vivemos das migalhas da Grande Revolução; ainda nos extasiamos ante a tradição e o passado; ainda fazemos caso daquêle dogma revolucionário inscrito na bandeira engolvidiada:—*Igualdade, Liberdade e Fraternidade*; ainda cantamos hinos á

Jacquerie, mas somos incapazes de levantar os punhos cerrados, afim de precipitar os acontecimentos para que surja da horrenda catástrofe que ensanguenta os campos da Europa, a Revolução Salvadora que traz nas suas entranhas a sociedade nova, baseada no Comunismo e na Anarquia.

Ou agora, ou nunca!

ANTONIO LOREDO

5.º Aniversário d'A Aurora

Este jornal completa, com o n.º presente, 5 anos de publicação.

É grande a nossa alegria por constatarmos que a Aurora tem vencido todas as dificuldades através o já largo período da sua existência.

Todos os camaradas que a este semanário teem dado o melhor do seu esforço e da sua inteligência, para que a Aurora seja um jornal bem orientado e redigido com certo brilho, por força devem hoje sentir uma intensa e nobre satisfação ao verem que este baluarte da imprensa anarquista ainda tem alento, ainda vive, para continuar no escabroso mas sublime caminho de espalhar a semente emancipadora nos espíritos obcecados pela ignorância e pelo erro.

Esperamos confiadamente que os dedicados e conscientes camaradas nos continuem dispensando a sua colaboração, e material afim deste periódico desempenhar cabalmente a levantada e redentora missão a que se destina.

Hoje, talvez como nunca, é indispensável o congregamento e intensificação de todas as energias revolucionárias para dispor convenientemente o campo das reivindicações, muito brevemente, decerto, propicio a grandes conquistas económicas e libertárias.

OS BASTIDORES DA GUERRA

O reverso duma cruzada

A 13 de outubro de 1912, no momento de partir para a «Guerra Santa» contra o Turco, dirigiam os quatro soberanos balcânicos á Europa uma nota oficial, em que declaravam expressamente que as suas intenções eram puras de toda e qualquer ambição pessoal, que o seu único desígnio era obterem a emancipação de seus irmãos cristãos; que exigiam somente a autonomia das províncias macedónicas sob a soberania do sultão e a fiscalização da Europa, e que se absteriam de qualquer conquista territorial.

Ora, exactamente sete meses antes, a 13 de março de 1912, Fernando da Bulgária e Pedro da Sérvia tinham concluído um tratado secreto, no qual, de antemão, na previsão da vitória próxima, dividiam entre si a Turquia europeia.

Esse tratado, conhecemo-lo agora: no momento de repartir a presa, como amiude sucede, os aliados zangaram-se. Sófia exige a aplicação do antigo acordo, mas Belgrado pede a revisão do mesmo. Notas officiosas, declarações de ministros revelaram-lhe todas as cláusulas aos poucos. E hoje sabe-se que no momento em que os valorosos cavaleiros que iam para a Cruzada afirmavam ao mundo admirado o seu religioso desinteresse, tinham no bolso o tratado no qual entre si partilhavam os despojos do vencido.

Quatro povos pegam em armas para libertar os seus irmãos do jugo otomano e por fim aos morticínios de cristãos. O Turco vencido desaparece, mas os cris-

UMA PREGUNTA

Como consequência, em parte pelo menos, duns artigos publicados no *Germinal*, de Lisboa, sobre a necessidade dum entendimento entre os camaradas, reuniram-se representantes da Aurora com os camaradas do *Germinal* e outros, onde a questão foi tratada. Como nessas reuniões eu me referisse á necessidade dum entendimento com os elementos avançados espanhóis, necessidade geralmente sentida e já expressa no congresso de Ferrol, e como se tivesse suspondido a publicação do *Germinal*, facto do qual não sei se os leitores da Aurora tinham conhecimento, o amigo Alves Pereira convidou-me para, na Aurora, tratar da questão. Eu escrevera-lhe dizendo que, não pertencendo ao número dos felizes que não teem dúvida sobre a orientação futura da propaganda e acção dos anarquistas e sindicalistas, resolvera calar-me e estudar para me fixar quanto a essa orientação, convencido de que muito ha a desfazer, a emendar e a crear e que não contasse portanto comigo. Mas éle amavelmente insiste, dizendo-me para eu formular na Aurora umas perguntas a que me referia quando lhe escrevera, cujas respostas, me parece, serviriam para ajudar os que, como eu, procuram, o melhor que lhes é possível, orientar-se para o futuro.

Logo que me lembrei de me dirigir-me ás linhas que se seguem, que são apenas uma interrogação, e mais nada, e cuja utilidade sequer não discuto, pois pode ser que a outros camaradas ela se não afigure tão util como eu a julgo.

Não creio provavel que a politica internacional se complique de forma a produzir uma acção violenta, uma agressão pelas armas, contra Portugal, por parte da Espanha. Mas para a pergunta a fazer, admito a como possível, admissão que nada tem de estragante, dado o que, vai para um ano, se passa na Europa.

Ora é em virtude de ha um ano estarmos em face de realidades e de surpresas bem dolorosas, a todos os respeito, que se deve admitir como possível a agressão por parte da Espanha, para que cada um diga o que lhe parecer sobre um ponto concreto, sobre um aspecto da grande questão, que nos toca mais de perto.

Diz-se que os revolucionários espanhóis se teem manifestado,

tão batem-se entre si, e o primeiro resultado da vitória é substituir as guerrilhas dos comitadjis pelo choque sangrento de formidáveis exércitos. A cruzada transforma-se em luta fratricida.

A mesma anomalia no que se refere ás raças. A guerra balcânica foi empreendida em nome do princípio das nacionalidades; ora o tratado secreto que o regia era a mais violenta negação deste principio.

De facto, a directriz constante dos aliados, em sua luta entre si ou contra o Otomano, não foi a raça, nem a religião, mas as ferrovias.

Não se pode por certo dizer que os odios étnicos e as paixões religiosas não tiveram nesse grande drama um papel importante. É certo que se os soldados sérvios, búlgaros e gregos não tivessem acreditado que iam á guerra pela Cruz contra o Crescente, pelo Eslavo e pelo Heleno contra o Osmanli, não se teriam precipitado com tanto entusiasmo sobre os

por uma imensa maioria, contra o apoio aos aliados, abstenendo-se de simpatias, na sua opinião, comprometedoras, e prontos para todos os actos capazes de terminar com a guerra ou de a impedir. Nestas condições, pergunto eu, qual seria a attitude dos revolucionários espanhóis se se produzisse a agressão de que falei?

Que todos seriam contrários á politica agressiva dos governantes espanhóis, sei eu; mas que fariam os revolucionários em face duma mobilização e consequente invasão do território português ou de um bombardeamento de portos portugueses?

A esta pergunta podem os camaradas espanhóis responder, perguntando o que fariam os revolucionários portugueses se a agressão partisse de Portugal. Mas eu não tenho que considerar este caso, porque não quero perder tempo, visto que, para mim, pelo menos, essa agressão está fóra das possibilidades razoavelmente admissíveis dentro da politica internacional actual.

A mesma pergunta se pode fazer aos portugueses: Qual a attitude dos revolucionários em face duma invasão armada por parte da Espanha? Note-se que não digo duma guerra entre os dois países, expressão esta que se presta a muita interpretação, mas a uma invasão armada terra-a-terra: O exercito espanhol mobiliza-se e dispõe-se a marchar para a fronteira portuguesa e a esquadra dispõe-se a entrar nos portos portugueses para os bombardear, e operar desembarques, ou executar-se mesmo tudo isso.

Nestas condições, qual a attitude dos revolucionários portugueses?

Se se obtivessem, de espanhóis e portugueses, respostas a estas perguntas; se essas respostas viessem de militantes reconhecidamente conscientes e, ainda melhor, de organizações de toda a espécie, ter-se-ia, parece-me, mais um elemento de formação de opinião sobre a orientação da propaganda e organização no futuro, tanto dentro de cada país como nas relações entre os dois povos da Península. Mas respostas sem considerações filosóficas e sociológicas; respostas simples em face da hipótese dum facto bem determinado: a invasão e respectiva occupação, que é para isso que se invade.

EMILIO COSTA

canhões inimigos, e talvez a própria guerra não tivesse sido possível. Mas é aqui que se evidencia a divergencia profunda existente entre os moves dos povos e os motivos dos seus governantes; os primeiros batem-se por principios, os segundos por interesses. Religião, patria, fé, honra, eis as alcanças poderosas por meio das quais os homens de Estado movem as massas e transformam os cidadãos pacíficos em feroces guerreiros. Mas essas alcanças estão nas mãos de homens de negócios, que excitam ou acalmam esses sentimentos ou utilizam ao sabor das suas combinações ferro-viárias e dos seus calculos de exportação.

A ficção ideológica despedaça-se cada vez mais. Mas nunca ressaltou melhor o caracter realista dos grandes conflitos modernos do que nessa luta balcânica, que começou como cruzada e acabou á laia das outras, como guerra de negócios.

F. DELAISI.